

“A mesma tempestade”: sobre a evolução do movimento modernista metaforizada num poema de Carlos Alberto de Araújo

Emerson Aparecido dos Santos Bezerra

Escrito por Carlos Alberto de Araújo (pseudônimo de Tácito de Almeida, 1900-1940), o poema “A mesma tempestade” foi publicado no quarto número da revista modernista *Klaxon*, em 1922, tendo aparecido em livro somente em 1987, com *Túnel e poesias modernistas – 1922/23*. A leitura e análise do texto foram feitas pelo professor Leandro Pasini na oficina “Modernismos pelo Brasil: as poéticas de 1920”, iniciativa da Biblioteca Parque Villa Lobos em comemoração ao centenário da Semana de Arte Moderna (1922). O objetivo deste breve artigo é expor como o poema, especialmente a segunda parte, pode ser interpretado como uma metáfora para a evolução do movimento modernista brasileiro.

Dividido em duas partes, o poema apresenta imagens agressivas, sobretudo na primeira parte. Nas primeiras estrofes, percebe-se a força da natureza introduzindo o tema do poema – a chuva: “os relâmpagos chicoteiam com fúria os cavalos cinzentos” (vv. 1 – 2), “as trovoadas longínquas parecem caminhos cheios de água” (vv. 4 – 5) e “o vento rasteiro, vestido de poeira, passa faminto como um cão” (vv. 7 – 9).

Na segunda parte do poema, assim que a chuva passou (v. 11), a noite é metaforizada como um menino saindo detrás das montanhas (v. 12 – 13). Entretanto, é possível ler esse menino como uma metáfora para o início do modernismo no Brasil.

Conforme falado na oficina, a Semana foi um evento importante, mas não se deve tudo a ele, pois já existiam grupos articulados em torno de estéticas literárias, como o penumbrismo. O menino saindo detrás das montanhas, mostrando-se aos outros, pode ser uma metáfora para a estética modernista, de fato, mostrar-se ao grande público e ao público especializado.

O menino correndo alegremente, todo molhado da chuva de inspirações modernas, depara-se com os homens assombrados, o público especializado, que o julgavam perdido (vv. 17 – 19). A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, não viu a Semana de Arte Moderna e o



início do modernismo no Brasil com bons olhos. Logo, é possível ler os versos espelhando-os com essa referência histórica.

A MESMA TEMPESTADE

Os relâmpagos chicoteavam com fúria
Os cavalos cinzentos das nuvens
Para chegar mais depressa à terra.

As trovoadas longínquas parecem
Caminhões cheios d'água em disparada
Por velhas ruas mal calçadas

E o vento rasteiro,
Vestido de poeira,
Passa faminto como um cão,
Farejando a terra.

II

A chuva já passou.
A noite límpida é um menino
Saindo detrás das montanhas.

E ele vem correndo, vem correndo,
Alegremente,
Todo molhado.

Os homens assombrados,
Julgando-o perdido,
Estavam já desanimados.

Mas ele vem correndo, vem correndo
Alegremente
Todo molhado.

Vem correndo... E, quando encontra
Os homens cheio de olhares,
Ele para e estende os braços úmidos,
E vai espalhando pelo céu,
Cheio de orgulho,
Os mil pedaços ainda móveis
Da verde cobra fosforescente
Que matou na floresta, atrás das montanhas...



Após a Semana, o movimento modernista, conforme exposto na oficina, avançou rapidamente, em um esquema semelhante ao de Juscelino Kubitschek: 50 anos em 5. No poema, lê-se “o menino vem correndo, vem correndo, alegremente, todo molhado. Vem correndo... E, quando encontra os homens cheios de olhares, ele para e estende os braços úmidos” (vv. 21 – 26). Percebe-se o entusiasmo do menino-modernismo molhado também de suas experiências e experimentos, enquanto os homens cheios de olhares, a Academia, julgam-no. Entretanto, mesmo com os olhares cheios de julgamento, o menino estende os braços úmidos a eles, ou seja, em uma tentativa de unicidade, o menino, sem preconceito, oferta suas experiências aos homens. O modernismo foi um movimento de articulação de grupos e, à medida que mais pessoas aderiam ao pensamento, mais força ele ganhava.

Por fim, uma das tópicas da estética modernista era o folclore brasileiro e, na parte final do poema, o menino “vai espalhando pelo céu, cheio de orgulho, os mil pedaços ainda móveis da verde cobra fosforescente” (vv. 27 – 30). A valorização da cultura popular e de seu folclore foram assuntos recorrentes no modernismo brasileiro e, na última estrofe do poema, é possível perceber que a cobra fosforescente pode ser uma alusão ao boitatá/ *mboitatá* que, de acordo com Luís da Câmara Cascudo, “é cobra de fogo; as tradições figuram-na como uma pequena serpente de fogo que de ordinário, reside n’água.” (2012, p. 132). Ao espalhar no céu os pedaços da cobra, o menino espalha traços da cultura folclórica brasileira às pessoas para que os homens, inclusive aqueles com olhar de julgamento, possam disfrutar deles.

Os poemas modernistas não são fáceis de serem lidos e interpretados devido à estética adotada pelos escritores: ampla adesão ao vocabulário indígena, uso constante da oralidade e temáticas populares, tais como o cotidiano e o folclore. Os poemas permitem, portanto, a multiplicidade de interpretações e potencializam suas significações à medida que o movimento estava em constante articulação, tanto interna aos grupos quanto externa – entre grupos diferentes. É, justamente, pela possibilidade de múltiplas interpretações que o poema “A mesma tempestade”, sobretudo sua segunda parte, pode ser lido em uma chave de metáfora do movimento modernista brasileiro – o menino, cheio de vivacidade, demonstra com orgulho os traços da cultura popular aos adultos que o julgavam por não o entender; tal como os modernistas que, na Semana de Arte Moderna, mostraram com orgulho, suas artes aos homens da academia e da sociedade paulista que não os compreendiam bem.



Referências:

- ARAÚJO, Carlos Alberto de [Tácito de Almeida]. *Túnel e poesias modernistas*. São Paulo: Art Editora, 1987.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global Editora, 2012.

